

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC
CENTRO DE ENGENHARIA, MODELAGEM E CIÊNCIAS
SOCIAIS APLICADAS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Caio César C. Ortega, Gabriel Alves, Henrique Tutida, Lorryne
Martinhão, Nicholas Charles Bezerra

*Resenha do filme “Um Fio de Esperança: Independência ou
Guerra no Saara Ocidental”*

São Bernardo do Campo, SP
2018

Sumário

	Sumário	1
1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO FILME	2
1.1	Ideias principais	3
1.2	Ideias secundárias	3
2	ANÁLISE E DISCUSSÃO	5
3	CRÍTICA E CONSIDERAÇÕES FINAIS	8
3.1	Crítica	8
3.2	Considerações finais	9
	REFERÊNCIAS	10
	Glossário	11

1 Contextualização do filme

O documentário “Um fio de esperança” é uma produção brasileira e independente com o intuito de difundir a causa do povo saarauí, que teve parte de seu território ocupado pelo Marrocos desde 1975 e espera por um referendo de autodeterminação há mais de 26 anos. Hoje, o Saara Ocidental é considerado a última colônia da África, embora a Frente Polisário tenha proclamado a República Árabe Saaraui Democrática (conhecida como RASD) desde janeiro de 1976 que ganhou reconhecimento por um número limitado de outros países, mas não foi admitida na Organização das Nações Unidas.

Isso aconteceu porque logo após a Marcha Verde, movimento de ocupação ordenado por Hassan II, sultão do Reino do Marrocos na época, a Espanha abandonou sua antiga colônia sem organizar o referendo de autodeterminação, abrindo espaço para que o Saara fosse reclamado tanto pelo Marrocos quanto pela Mauritânia, que alegaram vínculos históricos como justificativa para a disputa do território. Mais tarde foi revelado também o Acordo de Madrid, que estipulava que a Espanha transferiria a administração do território para uma administração tripartite temporária, composta por Espanha, Marrocos e Mauritânia. Aí tem início uma guerra de 16 anos pela independência do Saara Ocidental.

A Frente Polisário surgiu como um movimento independentista político-revolucionário lutando pela autonomia do território desde 1973, ainda contra a ocupação espanhola, mas hoje representa ideologicamente a verdadeira organização política do povo saarauí, tanto em seu território ocupado quanto em campos de refugiados. O documentário foca bastante na paciente espera dos saarauís pelo prometido referendo de autodeterminação, sempre adiado ou proposto de forma a beneficiar o Marrocos.

Já o interesse marroquino no território é profundamente econômico e se encontra nas riquezas naturais, que atualmente são exploradas sem ressalva pelo Marrocos. Esse interesse estende-se também à França, Estados Unidos e Espanha, que mantêm relações econômicas próximas do Reino do Marrocos e se beneficiam da extração da riqueza do território do Saara. Nesse contexto, temos a principal razão pelo pouco esforço da ONU em efetivamente resolver a questão ou sequer garantir os direitos humanos do povo saarauí.

Outra abordagem importante que o documentário faz é a respeito do posicionamento brasileiro, já que o Brasil é um dos únicos países da América Latina que não reconhece oficialmente a República Árabe Saaraui Democrática.

1.1 Ideias principais

O documentário critica duramente a conduta da Organização das Nações Unidas acerca do conflito envolvendo a Frente Polisário com o Marrocos, e a situação precária em que se encontra o povo saarauí. A gênese do problema inicia-se em 1991, quando o Conselho de Segurança da ONU aprova a Resolução 690 por unanimidade, estabelecendo uma missão de paz no Saara Ocidental, a Missão das Nações Unidas para o referendo no Saara Ocidental (MINURSO), que originalmente propunha garantir o cessar-fogo imediato entre ambos os lados; organizar e realizar um referendo, na qual a população escolheria entre ser incorporado pelo Marrocos ou se tornar independente; monitorar a posição das tropas marroquinas e polisárias; garantir que os direitos humanos fossem respeitados.

Passados 25 anos, o cessar-fogo entre Marrocos e a Frente Polisário foi o único objetivo alcançado pela MINURSO. A ONU foi incapaz de realizar um referendo, pois o governo marroquino realizou diversas políticas de assentamento do Saara Ocidental, movendo cerca de 500 mil pessoas para o território que era originalmente ocupado pelo povo saarauí, impossibilitando a realização do referendo coeso de autodeterminação da população local. Houve a violação dos direitos humanos, com diversas denúncias de violência e desrespeito às populações civis saarauís nos territórios ocupados pelo Marrocos. A presença de 100 mil soldados marroquinas no Saara Ocidental e a construção de um muro de 2.700 km, marcou a incapacidade da Organização das Nações Unidas em garantir a paz e a neutralidade do conflito.

A França surge como um dos principais responsáveis para que o Saara Ocidental não se torne independente, seu poder de veto no Conselho de Segurança impede que haja qualquer intensificação da missão de paz, ou a imposição de sanções contra o Marrocos através da ONU. Além de apoiar militarmente e financeiramente o Marrocos no conflito.

Dessa forma, o impasse de mais de duas décadas da Organização das Nações Unidas sobre a independência do Saara Ocidental, somado às condições precárias em que a maior parte da população está submetida, têm levado a muitos saarauís em defender o retorno de um conflito armado para lutarem por sua independência.

1.2 Ideias secundárias

O documentário explora o fato do conflito entre saarauís e marroquinos ser pouco conhecido e pouco mencionado no Brasil, mesmo entre estudantes de geopolítica. Entre deputados e senadores também não há tanta discussão sobre o tema. Há um grande destaque para a postura oficial brasileira sobre esses conflitos, que é de completa omissão. Mesmo com o apoio e ativismo de alguns parlamentares brasileiros a favor do povo saarauí, não há oficialmente o reconhecimento da independência do Saara Ocidental, algo já feito

pela maioria dos países da América Latina.

Além da omissão, que em alguns momentos é considerada cumplicidade, há denúncias do Brasil manter relações comerciais com o Marrocos, muitas vezes comprando produtos que são retirados ilegalmente da região do Saara Ocidental, como fosfato e sardinha. O apoio do Brasil é cobrado pela Frente Polisário, que consideram nosso país como sendo muito importante. Nosso apoio traria mais peso e importância para a questão sem grandes impactos negativos, pois nossa balança comercial com o Marrocos é pequena.

Outro ponto interessante do documentário é a forma que as mulheres saarauís se organizam e o que elas representam nessa sociedade. Elas são muito fortes e ocupam uma posição de protagonismo. É mencionado por um dos entrevistados que na cultura deles a mulher é importante e considerada sagrada, algo que infelizmente as torna alvos. Nos conflitos, os marroquinos tendem a agredir principalmente as mulheres, que é uma forma de atingir física e psicologicamente o povo saarauí.

Muitos abusos aos direitos humanos são relatados, principalmente nas áreas ocupadas, o que deixa clara a omissão da MINURSO. Para alguns membros da Frente Polisário fica a impressão de que eles estão ali apenas para ganhar dinheiro e aproveitar, pois, mesmo com diversas denúncias e pedidos, os abusos seguem ocorrendo. Isso demonstra uma certa fragilidade na atuação das Organizações Internacionais para manutenção da segurança em alguns países.

2 Análise e discussão

Como melhor discutido no Capítulo 1 (Contextualização do filme), o documentário apresenta a causa da República Árabe Saaraui Democrática, sendo possível identificar pelo menos as seguintes abordagens: entrevistas e filmagens no território reclamado pela Frente Polisário, incluindo as áreas ocupadas pelo Reino do Marrocos e entrevistas em Brasília, no Distrito Federal, com membros do parlamento e outros atores sensíveis à causa. Cabe salientar que não há uma versão do conflito por parte de quaisquer representantes do Marrocos, sendo que antes dos créditos, é fornecida a informação de que o embaixador não aceitou gravar após uma conversa de três horas, da mesma maneira, o Ministério das Relações Exteriores da República Federativa do Brasil só aceitava falar extra-oficialmente sobre o tema e o Ministério da Defesa, alegadamente participante de missões de paz da MINURSO, não autorizou a entrevista de oficiais participantes de missões no Saara Ocidental.

Analisando o documentário com vistas a relacionar o tema abordado com a bibliografia da disciplina, o primeiro ponto que pode ser apontado diz respeito à ligação entre o território e a população, ideia ligada à doutrina de Friedrich Ratzel (grifos nossos):

“Este é também o caso de um artigo seu que aparece publicado na França em 1898, intitulado "O solo, a sociedade e o Estado", no qual o autor repõe a sua idéia geral de que o desenvolvimento estatal é processo que depende da **estreita ligação orgânica do povo com o solo**, extraindo daí o seu **conceito de Estado como organismo territorial**.” (COSTA, 1992, p. 40)

Considerando que segundo Roseira (2015, p. 81):

“Essa geopolítica é guiada por uma visualização do mundo em blocos de espaço. Almeja sempre a divisão e ordenação do espaço global em blocos rivais de poder. O que dá coesão a esses blocos é a posição geográfica, as alianças políticas e comerciais, a política imperialista, os sistemas de circulação continental ou ultramarina etc.”

A postura do reino que rivaliza com a Frente Polisário parece ser favorecida pela manutenção do *status quo* pela Organização das Nações Unidas, que no documentário é retratada como um ator incapaz de exercer pressão a países como França (que apoia o Marrocos) e Espanha (que contribuiu para iniciar o conflito em primeiro lugar e tem se omitido). Neste sentido a visão geopolítica ratzeliana é suficientemente conveniente para que possamos mencioná-la ao lançar luz sobre o embate. Há, portanto, um alinhamento do Marrocos com blocos de poder que contribuem para não permitir uma solução definitiva, acirrando o conflito entre as partes diretamente envolvidas e a agonia da população

que se encontra vivendo nos assentamentos das chamadas “zonas liberadas”, livres da presença militar do Marrocos e cercadas pelo muro já mencionado na seção 1.1 (Ideias principais). Como “as capitais e as fronteiras que também emergem, tal como foram concebidas, de códigos semânticos constituem articulações da linguagem da geografia do Estado” (RAFFESTIN, 1993, p. 25), é no mínimo sintomática a ocupação de El Aiune pelo Marrocos, visto que esta cidade é a capital da República Árabe Saaraui Democrática, o que força a Frente Polisário a organizar a capital provisoriamente em Tifariti.

O documentário demonstra que apesar das características desfavoráveis da parcela do território *de facto* sob domínio da Frente Polisário, existe uma forte ideia de construção de um Estado com participação popular, protagonismo das mulheres e espírito combativo em defesa da identidade e autoafirmação independentista do povo saaraui. Ainda que militares e civis tenham externado desejo pela paz, há a crença de que retomar a luta armada pode ser a única forma de reivindicar a parcela do território ocupada pelo Marrocos, que tem explorado recursos naturais e obtido vantagens econômicas, inclusive praticando comércio com o Brasil.

Outro aspecto que pode ser explorado, agora pela perspectiva marroquina, diz respeito à noção de expansionismo do autor, de corte malthusiano. Segundo Costa (1992, p. 40–41), na visão de Ratzel, o Estado “deverá estar ciente de que o crescimento populacional, e conseqüentemente das necessidades de subsistência, pode criar sérios transtornos ao seu desenvolvimento”. Ora, ainda que o Marrocos não esteja temendo crises com a configuração original de seu território, excluindo a parcela do Saara Ocidental que suscita o objetivo, definitivamente os esforços envidados até agora indicam que aquele Estado está consciente de que promove um estrangulamento da população sobre tutela da Frente Polisário, tanto que o documentário exhibe não só reclamações da própria população, como também demonstra a necessidade de assistência externa e o boicote à inclusão econômica de indivíduos envolvidos com a Frente Polisário, incluindo violações graves aos direitos humanos, como prática de cárcere em condições degradantes e tortura. Cabe também salientar que essa noção empregada por Ratzel se associa ao conceito de espaço vital, também empregado fortemente por Karl Haushofer¹.

Ainda com relação a Ratzel, pode-se também estabelecer um breve paralelo às ideias de coesão interna que este estabeleceu com relação à Alemanha de então e que, basicamente, se traduziam em soluções expansionistas (saída para o mar e pangermanismo europeu) (COSTA, 1992, p. 41), e a postura do Marrocos, cuja ocupação do Saara Ocidental privilegia o acesso à maior parte da faixa litorânea, ampliando a costa do país e sua presença naquela parcela do Oceano Atlântico.

¹ Espaço vital para Haushofer, conforme Costa (1992, p. 139): “Estratégia política para os Estados, que leva em conta, necessariamente, a correspondência ideal entre a densidade populacional, os projetos de plena realização econômica e cultural das nações e a base territorial, indispensável ao pleno desenvolvimento de cada país.”

Finalmente, o conceito de mobilidade das fronteiras² pode ser usado para refletirmos sobre a ocupação do Saara Ocidental pelo Marrocos, estimulando a presença de marroquinos nas cidades e parcelas do território pleiteadas pelos defensores da República Árabe Saaraui Democrática. Este conceito de mobilidade também se atrela à guerra:

“Nos estágios superiores, diz ele, dada a consolidação dos Estados e territórios rigidamente delimitados por fronteiras, essa forma complexa de mobilidade só pode ocorrer mediante as guerras, [...]”

Para ele, a simples declaração de guerra faz desaparecer as fronteiras, estabelecendo-se um novo espaço de circulação referido a um ‘todo territorial’.”

² Segundo Costa (1992, p. 37), também chamada de “mobilidade comandada por processos político-territoriais”

3 Crítica e considerações finais

3.1 Crítica

É sempre uma tarefa não muito grata abordar temas complexos sobre os quais a maior parte dos interlocutores possui pouco entendimento. Se há, por um lado, o risco de a mensagem ser passada de maneira muito técnica, o que agradaria apenas a públicos específicos, de outro, existe a ameaça da superficialidade. Tarefa não grata deste documentário que, no fim das contas, se sai bem.

Negligenciado pelo mundo, o conflito no Saara Ocidental já dura mais de 40 anos, sendo este país a última colônia africana. Desde a desocupação espanhola, o povo saaraui luta contra a ocupação ilegal por parte do Marrocos. A apatia por parte dos países do ocidente e das Organizações Internacionais pode levar a conflito armado. O documentário aqui analisado põe o espectador dentro do conflito, sempre de maneira muito crítica em relação à conduta brasileira a seu respeito. Seu tempo, curto, é muito bem aproveitado. A edição se concentra em dividir, de maneira bem coesa, todos os aspectos as serem tratados no longa. O documentário “começa pelo final”, pelo desfecho da crítica dos autores, que se concentra na forma como o governo brasileiro se omite da situação e na forma como o assunto recebe pouca atenção no mundo. Em seguida, é estabelecido o cenário, o histórico do conflito é contado de maneira exitosa com um roteiro bem escrito, detalhando a história saaraui desde as origens do atual impasse. São utilizadas entrevistas e imagens históricas, bem articuladas entre si, que correspondem bem ao roteiro.

Impressiona também, por se tratar de uma produção independente, a forma pela qual o longa consegue prender o interlocutor à história. A trilha sonora ambientaliza muito bem aquilo que está sendo narrado e a fotografia, impecável, que, ao mesmo tempo que impressiona com as belezas do Saara, também nos deixa apreensivos com a forma crua de relatar a vida deste povo.

Após inserir-nos dentro da história e do cotidiano saaraui, “Um Fio de Esperança” constrói a imagem do que é a República Árabe Saaraui Democrática. O documentário não nos apresenta um paraíso, onde existe um modelo de autogestão. Apresenta uma sociedade que sofre com a escassez, todavia consegue fazer um feito incrível, que é manter uma mínima organização. Há muita preocupação com o direitos das mulheres e com a educação, que recebe muito apoio de Cuba, o que contrasta com a posição omissa do Brasil. Aliás, contraste este feito de diversas formas durante o documentário.

Por fim, contudo, há de se perceber um profundo ceticismo da população saaraui a respeito da ONU, do Brasil e o do ocidente de forma geral. Uma percepção de abandono,

que para este povo significa que há apenas um fim: o confronto. Sentimento esse que o documentário consegue captar com êxito.

3.2 Considerações finais

O documentário é bastante interessante, pois concilia o retrato da vida do povo saarauí e posicionamentos diversos, que vão de habitantes das zonas ocupadas e liberadas do Saara Ocidental a políticos e atores diplomáticos que transitam em Brasília. A compartimentação do documentário contribui para situar o telespectador nos momentos da narrativa e, em situações como a chegada em uma das zonas liberadas, em meio à penumbra da noite e em pleno deserto, tenta esgotar a linguagem cinematográfica para compartilhar o drama daqueles que ali vivem.

Observa-se a dificuldade de maior visibilidade à causa, dentro e fora do Brasil, com a luta autodeterminada se arrastando por mais de duas décadas, enquanto o país que contribuiu majoritariamente para a existência do conflito em primeiro lugar se omite, enquanto a França, aliada do Marrocos, acaba por agravar a situação, dando um verniz silenciador em relação à postura então pacifista da Frente Polisário.

Não é fácil tratar de um assunto que, além de complexo, é negligenciado. Este documentário consegue superar essa dificuldade. De maneira direta e simples, porém acurada, consegue tratar assuntos complexos com muita seriedade, destacando a origem do conflito, os atuais envolvidos e as relações de poder no âmbito das relações internacionais que impedem uma solução justa e pacífica para o conflito no Saara Ocidental. Destarte, trata-se de uma verdadeira denúncia: o fato de, em pleno século XXI, ainda existir uma colônia africana e isso acontecer com o conhecimento e, diga-se, convivência das Organizações Internacionais e de países como o Brasil.

Referências

COSTA, W. M. da. *Geografia política e geopolítica*. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 1992. ISBN 85-314-0067-8. Citado 3 vezes nas páginas 5, 6 e 7.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder; tradução: Maria Cecília França*. São Paulo: Ática, 1993. Citado na página 6.

ROSEIRA, A. M. Geografia e relações internacionais. *Revista Continentes*, n. 7, p. 64–88, 2015. ISSN 2317-8825. Citado na página 5.

Glossário

F | M | O | R

F

Frente Polisário

Frente Popular de Liberación de Saguía el Hamra y Río de Oro. 2–6, 9

M

MINURSO

Missão das Nações Unidas para o referendo no Saara Ocidental. 3–5

O

ONU

Organização das Nações Unidas. 2, 3, 5, 8

R

RASD

República Árabe Saaraui Democrática. 2, 5–8